

O PAPEL SOCIAL DA VOZ PARA COMUNICADORES: UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA EM RÁDIO E TV

THE SOCIAL ROLE OF COMMUNICATORS' VOICE: AN EXTENSION EXPERIENCE IN RADIO AND TV

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins¹

RESUMO

A Universidade Federal do Ceará (UFC) desenvolveu o Projeto de Extensão “Locução e técnica vocal para comunicadores”, por meio do Curso de Jornalismo do Campus Cariri, em Juazeiro do Norte, Sul do Ceará. Esta foi uma proposta de trabalho envolvendo profissionais e estudantes da área de Comunicação Social, na Habilitação em Jornalismo. O trabalho objetivou o desenvolvimento de ações educativas voltadas às necessidades básicas de informação, educação e saúde vocal para jovens comunicadores. Para tanto, um professor coordenador do projeto e um bolsista de extensão do Curso de Jornalismo ficaram responsáveis por planejar e executar as atividades durante a vigência do projeto. A equipe desenvolveu e elaborou a programação, a seleção, a divulgação de datas e horários dos diversos encontros semanais, além de convidar a equipe de profissionais para atuarem, de forma voluntária, como palestrantes e instrutores da ação extensionista. Isto proporcionou aos realizadores a oportunidade da reflexão e práxis sobre o papel cidadão que desempenham na sociedade. A experiência contribuiu para a compreensão da função que a Comunicação e a Universidade possuem como promotoras de ações comunitárias integradas em torno de temas relacionados à Educação, Saúde, Cidadania e Formação Profissional.

Palavras-chave: Comunicação, Educação, Locução e Formação Profissional.

ABSTRACT

The Federal University of Ceará (UFC) develops the Extension Project “Elocution and vocal technique for communicators” through the Journalism Course of Cariri University Campus, located in Juazeiro, southern of Ceará. It is a project that involves professionals and students from Social Communication area, Journalism Qualification. The project aims to develop educational interventions focused on the basic needs for information, education and vocal health for young communicators. To achieve this, the project coordinator professor and an extension scholarship student, from Journalism Course, are responsible for planning and executing activities during the period in which the project is conducted. The group develops and elaborates the schedule, the selection of extension students, the disclosure of information related to dates and times of the weekly meetings, besides inviting the voluntary professional team to work, as speakers or instructor, on the extension actions. It provides to organizers the opportunity for reflection and for praxis about their role as citizen in society. The experience has contributed to understand the role that communication and university has to promote and integrate community actions related to education, health, citizenship and vocational training.

Keywords: Communication; Education; Elocution and Vocational Training.

¹ Professor da Universidade Federal do Ceará, Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC – São Paulo). E-mail: pcajazeira@cariri.ufc.br

INTRODUÇÃO

O Curso de Jornalismo do Campus Cariri da Universidade Federal do Ceará desenvolveu, entre os anos de 2011 e 2012, o Programa de Extensão “Locução e Técnica Vocal para Comunicadores”. A metodologia trabalhada de forma multidisciplinar contou com a participação de profissionais de várias áreas (Comunicação Social, Medicina, Teatro e Fonoaudiologia) envolvidos no objetivo de promover ações educativas integradas, voltadas às necessidades básicas de informação, educação e saúde vocal dos comunicadores. A articulação do trabalho foi orientada pela compreensão de que a promoção e a prevenção em Saúde estão pautadas em ações educativas.

As ações desenvolvidas pelo projeto foram organizadas por áreas afins: Saúde Vocal, Voz Profissional, Técnicas Vocais e de Relaxamento, Técnicas de Locução e orientações sobre a postura e posicionamento da voz no Rádio e na TV. A abrangência do público-alvo foi definida a partir do número de profissionais e estudantes de Comunicação concentrados nas três cidades principais da Região do Cariri cearense (Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha), uma vez que a sede do Curso de Jornalismo do Campus Cariri da UFC, o primeiro e único do interior do Estado do Ceará, está situada em Juazeiro do Norte, sendo este o local das atividades do projeto de extensão. Neste contexto, o presente trabalho visou apresentar a experiência da Comunicação no Projeto de Extensão “Locução e Voz para Comunicadores”, desenvolvido durante dois anos consecutivos, contribuindo para socializar as atividades na comunidade alvo.

Aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará, em março de 2011, o projeto disponibilizou 25 vagas para estudantes de primeiro, terceiro e quinto semestres do Curso de Jornalismo, preenchidas em uma semana. A partir disso, estabeleceu-se que o curso ocorreria numa das salas da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri, semanalmente, às quintas-feiras.

Em 2011, o projeto teve sua primeira edição realizada no município de Barbalha, idealizada pelo professor coordenador da extensão, porém sem o auxílio de um bolsista de extensão. Em 2012, o curso recebeu a participação do seu primeiro bolsista, que ficou responsável, entre outras atividades, em contactar os profissionais condutores das palestras, reservar as salas, e controlar a frequência dos estudantes, desde as inscrições ao término dos encontros.

Os palestrantes participaram de forma voluntária, sem nenhuma remuneração, bem como o curso foi inteiramente gratuito e aberto à comunidade interna e externa à universidade. Entre os palestrantes, participaram os jornalistas Paulo Henrique Rodrigues (TV Verdes Mares Cariri, afiliada à Rede Globo de Televisão no Ceará), Hermínia Saraiva (assessora de imprensa da Prefeitura Municipal do Crato e professora da Universidade do Vale do Acaraú), Cecília Raiffer (atriz e professora da Universidade Regional do Cariri), João Hilário (jornalista, radialista da Rádio Padre Cícero e TV Verde Vale) e a fonoaudióloga Cida Stier (fonoaudióloga dos jornalistas da Rede Paranaense de Televisão - RPCTV, afiliada à Rede Globo de Televisão no Paraná, com participação via videoconferência direto de Curitiba).

O curso almejou preparar os estudantes para o uso adequado da voz com a realização de atividades dinâmicas vindas do teatro e a partir do relato de profissionais que fazem o uso extremo dessa ferramenta da oralidade, bem como exercícios técnicos, que buscam manter a saúde e a excelência do aparelho fonador.

A IDEIA EM PRÁTICA

Em 12 de abril de 2012 sucedeu o primeiro encontro, com o jornalista Paulo Henrique Rodrigues, repórter e editor-chefe da TV Verdes Mares Cariri, empresa afiliada à Rede Globo de Televisão no Estado do Ceará. O palestrante falou dos cuidados com a voz, a força dos sotaques regionais e da naturalidade no meio televisivo que, segundo o mesmo, é imprescindível para que o foco das notícias não seja desviado

quando estas chegam ao telespectador.

No final da década de 80, houve grande mudança no formato dos telejornais, e aquele padrão mais estereotipado de apresentador, com voz impostada e certo distanciamento, foi sendo substituído pela necessidade de um profissional que utilizasse a comunicação de maneira natural, aproximando-se do público e marcando um estilo próprio de atuação. Passou-se a valorizar mais a característica pessoal do profissional, e com isso houve a exigência de que, além de tudo, o apresentador e o repórter fossem bons comunicadores. (KYRYLLOS; COTES, 2007, p. 02).

Na semana seguinte, 19 de abril de 2012, participou a assessora de imprensa da Prefeitura Municipal de Crato, Hermínia Raquel Saraiva. A jornalista deu foco à expressão oral e destacou que o aperfeiçoamento das técnicas vocais vem por meio da articulação clara e objetiva. Citando o livro *O Corpo Fala*, de Pierre Weil³, a condutora usou como exemplo os apresentadores esportivos da Rede Globo, Tiago Leifert e Tadeu Schmidt, abordando a informalidade adotada nos meios televisivos na atualidade.

Por videoconferência, a fonoaudióloga curitibana Cida Stier relatou experiências do seu trabalho com jornalistas, crianças e atrizes, além de colocar em prática exercícios vocais que aprimoram a dicção. Ainda durante o encontro, alertou para cuidados que mantêm a saúde das pregas vocais e explanou a partir das dúvidas dos cursistas. A fonoaudióloga declarou, assim como Silva e Castro (2003), que “a fidelidade da comunicação depende dos padrões de articulação, pronúncia e impostação vocal, visto que a credibilidade é em grande parte garantida pela expressividade vocal”.

O radialista João Hilário adveio no último encontro da etapa inicial do projeto, em 17 de maio de 2012. Segundo ele, todas as vozes são especiais, pois todas são diferentes. A prática, congregada aos cuidados, é essencial para aqueles que aspiram um bom desempenho vocal. Para se falar bem, é necessário abrir mão de excessos que, por um lado, podem ser prazerosos, mas colocaria em risco a saúde do aparelho fonador e, por conseguinte, a atividade do profissional enquanto locutor.

Entre os ressoadores, entre as fontes sonoras da peça radiofônica, o aparelho fonador humano ocupa uma posição especial. Ele ultrapassa os instrumentos, sejam mecânicos ou eletrônicos, inclusive o sintetizador, e também os elementos concretos de som da natureza, não apenas em sua habilidade de expressão imediata humana anterior à fala (suspiros, gritos, riso, etc.); mas também porque é, até agora, o único instrumento com qual a fala é plenamente realizável. (KLIPPERT, 2005, p. 175).

O Projeto de Extensão em Voz e Locução para Comunicadores agregou a si a tarefa, já em execução, de preparar jovens estudantes de Comunicação Social/ Jornalismo para a atuação, em especial, no rádio, pois, no cenário local, a maioria dos profissionais agentes não tem a formação adequada para a realização de tais atividades. Apesar do surgimento de veículos como Televisão e Internet, o Rádio mantém-se como principal meio de comunicação na região do cariri cearense.

Um ensino suficiente é aquele que direciona a carga total do currículo para a formação em jornalismo, com todos os conteúdos focados para o desempenho profissional – neste caso, não há disciplinas sem conexão com a profissão, nem divisão entre disciplinas “teóricas” e “práticas”, mas apenas disciplinas. Para a suficiência deste ensino, como em qualquer outro curso universitário, o aluno deve iniciar sua formação já nas primeiras disciplinas

e, cumprindo o currículo, agregar conhecimento acadêmico-profissional. (SCHUCH, 2002, p. 94).

O que se tornou um importante diferencial para a equipe de trabalho composta por um professor de Jornalismo, um bolsista de extensão (estudante de Jornalismo) e vários colaboradores, entre eles, palestrantes e instrutores, além de dois técnicos de Laboratório de Telejornalismo e Radiojornalismo da UFC, que ficaram responsáveis pelas gravações e edições das atividades durante a extensão.

Para o desenvolvimento das ações foram realizadas reuniões contínuas com a equipe. Esta foi a primeira vez que todos trabalharam juntos no projeto. Isto se tornou um desafio para grande parte dos integrantes, pois muitos ainda não tinham atuado em projetos de extensão na área de Comunicação, que possui uma dinâmica diferente da rotina produtiva dos comunicadores nas redações e dos técnicos especializados em Rádio e TV nas empresas de Comunicação.

O primeiro passo envolveu a elaboração de um cronograma definido com base nos dias e horários disponíveis aos profissionais voluntários que participariam do projeto e dos recursos didáticos necessários para a sua execução. Este horário ficou definido como às quintas-feiras, no período da tarde, das 15h às 17h30m. A partir das reuniões da equipe ficou definido que a extensão deveria ter um formato teórico e prático, pois facilitaria o acompanhamento das atividades.

Para a construção do projeto foi necessário entender alguns conceitos fundamentais para a efetivação do trabalho como de cidadania, mobilização social e comunidade. Elaborado o projeto de Comunicação, o coordenador do projeto e o bolsista da extensão prepararam o material didático, que seria fornecido ao participante com várias informações sobre voz profissional, locução, técnicas vocais e de relaxamento, texto de rádio e TV, além de orientações sobre o preenchimento de laudas utilizadas em roteiros de programas noticiosos. O material didático foi entregue de forma gratuita aos participantes da ação no primeiro encontro, em abril de 2012. O processo de comunicação na relação entre os participantes orientou-se pela perspectiva dialógica defendida pelo pedagogo pernambucano Paulo Freire (1992), no sentido de democratizar as informações úteis para o aproveitamento da atividade.

No âmbito do ensino, os extensionistas puderam entrar em contato com a linguagem radiofônica e televisiva, as técnicas de locução para Rádio e TV, a redação utilizada pelos veículos eletrônicos, a edição dos áudios em softwares específicos de áudio e vídeo, além de intensivas práticas de aquecimento vocal, o que os impulsionou a desenvolver o autoconhecimento da capacidade de falar e articular-se melhor no ambiente profissional.

Concluída a primeira fase do trabalho, a teórica, o coordenador da extensão e o bolsista esquematizaram a execução de sua etapa prática. Os realizadores elaboraram minicursos preparatórios, conduzidos pelo próprio coordenador da extensão, que resultaram em oficinas práticas de produção e edição.

De acordo com Henriques (2002), a Comunicação desempenha papel fundamental em projetos de mobilização comunitária, pois a socialização de informações de interesse público contribui para orientar uma ação organizada, promovendo o diálogo entre os integrantes da comunidade e motivando o envolvimento das pessoas com as questões de interesse comunitário. A sua utilização nos meios orais, interpessoais, impressos e audiovisuais, além de informar e incentivar a participação das pessoas em atividades

comunitárias, promove também um sentimento de coletividade. Para Toro e Werneck (1997), o ato de mobilizar pode ser compreendido como ação de “convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados”. Dessa forma, qualquer mobilização é uma ação que tem o propósito de motivar pessoas, grupos, comunidades para perseguir e alcançar objetivos.

No caso do presente projeto, as técnicas vocais e de locução estimularam a participação, visto que a maioria das pessoas ambiciona falar e se expressar melhor em público. Ainda segundo Henriques (2002), a comunicação tem o poder de mobilizar as pessoas. Para ter eficácia em um movimento social é preciso discutir o problema e levar a conhecimento do público específico, com o objetivo de formar um sentimento de responsabilidade. “O fazer comunicativo, mais do que informar, toma por tarefa criar uma interação própria entre estes projetos e seus públicos, através do compartilhamento desentidos e valores” (Henriques, 2002: 34). Dessa forma, os vínculos são fortalecidos e a comunicação possibilita as iniciativas e contribuições. O projeto coordenou ações que estimularam a participação na extensão, por meio de situações teóricas e práticas de interesse coletivo daquele grupo em específico: estudantes de Jornalismo e profissionais de Comunicação Social.

O PAPEL SOCIAL DA VOZ

Antes de abordar a locução em TV, é preciso entender a atuação da voz nas relações interpessoais. Com o poder de externar comportamentos e opiniões, a voz se torna uma construção permanentemente atualizada de uma ponte entre a mente individual e uma mente coletiva, a segunda sendo construída a partir dos princípios coletivos de moral e leis adotados por cada sociedade.

Com obviedade, a voz não é o único instrumento de compartilhamento de ideias e interesses que partem do indivíduo, considerando a linguagem não verbal. No entanto, as linguagens gestuais, mesmo inegavelmente complementando a comunicação, podem ter maior grau de dificuldade para serem decodificadas, de acordo com o objetivo final do transmissor. Além disso, nem sempre são capazes de compartilhar mensagens parcial ou completamente filtradas, comprometendo a moderação do nível de abertura de um indivíduo para com o outro.

A consciência vocabular – como qualquer outra forma de representação do mundo – é constituída ao longo de experiências, de encontros. Encontros no mundo. Encontros com pessoas. Com um mundo social. Esses encontros são condição de relações intersubjetivas, socializadoras, e fornecedoras de matéria-prima semiótica para o trabalho do espírito. (CLOVIS FILHO, 2004, p. 97).

A voz precisa ser compreendida como um fenômeno de construção coletiva, que parte basicamente de elementos genéticos, emocionais, físicos, ambientais, habituais e socioculturais. Os elementos genéticos, herdados, independem da vontade e práticas do indivíduo, bem como os ambientais, que surgem como força imposta pela natureza. Já os princípios habituais, físicos e socioculturais são variáveis e primordiais para a aceitação ou estranhamento da voz enquanto ferramenta de transmissão. Tempo e espaço surgem como conversores da fala. A inserção do indivíduo no meio social e os diferentes níveis de proximidade e hierarquia impostos e respeitados neste exigem inúmeras alterações na

construção das mensagens. A formatação do texto, então imaginário, é feita de maneira mais articulada de acordo com as exigências em cada caso e se automatiza nas experiências a que somos submetidos ao longo da vida.

A VALIDAÇÃO DO DISCURSO

Os estudos da Psicolinguística, campo que procura compreender as conexões entre fala e mente, recortam, entre diversos objetos, os processos de construção discursiva. Com os diferentes processamentos semióticos, entram em xeque as estratégias adotadas para elaboração de um discurso dotado de sentido, que possa cativar e persuadir o receptor.

O significado é aquilo que o sujeito assimila, e essa assimilação só é possível graças aos esquemas de que o sujeito dispõe. Os significados constituem assim os instrumentos operativos do sujeito, enquanto os significantes, como figurações ou imagens de propriedades da realidade ou do organismo, tornam-se os instrumentos figurativos. (SMOLKA; Ana, 1993; p. 7 e 8).

Verifica-se a partir disso uma configuração do discurso voltado ao ouvinte. Quem fala, fala algo e para alguém. Logo, o trabalho do emissor é direcionado em função de algo ou alguém. O discurso deve ser construído dentro de um contexto, onde o intermediador, locutor, deve estar necessariamente inserido. O texto dito não pode ser baseado apenas nas construções imagéticas de quem o emite, mas sim auxiliar no entendimento e formação de novas percepções. O discurso não tem apenas a função de representar uma realidade, mas de colaborar para a legitimação do fato exibido na edição do dia. Ele assegura a permanência temporal da discussão no espaço do programa, que se mostra afetado por outros discursos, bem como por eles é afetado. Um efeito discursivo sobre o imaginário do público, levando-o a lembranças de situações extradiscursivas.

Conforme afirma Michel Foucault (1971), citado por Eni Orlandi (2001), se o locutor se representa como eu no discurso e o enunciador é a perspectiva que esse eu assume, a função discursiva do autor é a função que esse eu assume enquanto produtor do texto. Como autor, esse sujeito interage com o interlocutor construindo desse modo um texto influenciado pelo impacto visual e sonoro da voz e do corpo.

A TV NO BRASIL

A chegada da televisão no Brasil, na década de 1950, representava uma revolução informacional que impactaria em toda a configuração sociocultural. Pelo menos para a burguesia, em primeiro momento. A extinta TV Tupi, no dia seguinte à sua inauguração, exibia o primeiro telejornal brasileiro, intitulado “Imagens do Dia”. Com a popularização, a TV se tornaria o veículo de comunicação preferido dos brasileiros, por apresentar, até então, informativos mais rápidos.

Em sua criação, o jornalismo na TV brasileira herdava inúmeras semelhanças da locução em rádio. O consagrado programa Repórter Esso, a exemplo, foi adaptado para a televisão e abrangeu grande audiência. Os telejornais apresentavam suas notícias como nos programas que os originaram, no rádio. A imagem era adereço. O telejornalismo brasileiro se modelou do rádio, já influenciado pelo estilo norte-americano, à adoção do *lead* e dos princípios de objetividade e imparcialidade, também idealizados pelo modelo estadunidense.

Desde seu advento, na década de 50, a televisão brasileira tem sofrido a influência americana, tanto na estrutura comercial como na produção importada dos Estados Unidos não apenas programas, mas ideias, temas, roteiros e técnicas administrativas. (MELLO; Jaciara, 2000, p. 3).

A instauração da Ditadura Militar no Brasil, nos anos 1960, estancou ainda mais a possibilidade de caracterização no discurso do repórter de TV. As limitações e censuras, impostas pelo Governo, fizeram com que jornalistas perdessem espaço nas emissoras. Matérias que suplantassem o extremo delimitado pelo regime renderiam fortes punições às empresas de comunicação e locutores passaram a ocupar ainda mais espaço nos telejornais. O texto jornalístico, então, era pura leitura e reprodução do que chegava às redações.

Com a queda dos militares, a televisão começava a passar por modificações que a aproximariam do que é hoje. Nesse momento, quem perdia espaço nos telejornais eram os locutores e as informações passavam a ser construídas e repassadas por quem seguia os acontecimentos. A bancada com dois âncoras que anunciavam as notícias nos aproximava cada vez mais do estilo americano. Os avanços tecnológicos ligavam cada vez mais o público à TV.

Dados os avanços tecnológicos, a emissora que mais cresceu foi a Rede Globo de Televisão, na década de 70. Na época, a empresa criou o famoso “padrão global”, lapidando sua programação. À medida que desenvolvia, a Globo criou o seu sistema de emissoras afiliadas, aumentando a cobertura jornalística no país. A transmissão em rede, que possibilitou transmissão imediata de notícias em todo o Brasil, também provocou alterações na fala do telejornalista.

A integração, que permitia maior acessibilidade às principais informações do país, também provocou a exclusão ou suavização de regionalismos. Sotaques característicos em repórteres de variadas regiões eram atenuados, a fim da criação de um “padrão de fala”, o que, acreditou-se, reduziria os ruídos causados nas transmissões das notícias e direcionaria a atenção dos telespectadores apenas para a informação que se pretende transmitir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso Extensão em Locução e Voz para Comunicadores da UFC abriu vagas para estudantes de três semestres do curso de Comunicação Social na referida universidade e comunicadores da Região do Cariri Cearense. O projeto sob a coordenação do professor da disciplina de Telejornalismo e a participação ativa do bolsista da extensão ofereceu nos encontros semanais, oportunidades em conhecer melhor a dinâmica da fala e da locução dos comunicadores com conteúdos focados na formação profissional.

A atividade preparou os estudantes e profissionais formados para o uso adequado do que é uma das principais ferramentas do jornalista, a voz, a partir da realização de atividades dinâmicas vindas do teatro, relato de profissionais que fazem o uso extremo dessa ferramenta da oralidade, bem como exercícios técnicos, que auxiliassem a saúde e a excelência do aparelho fonador. Com o final do projeto, os extensionistas obtiveram noções básicas de técnica vocal, locução em Rádio e TV e das modalidades de análise e construção de discurso do Campo da Comunicação.

Os ensinamentos, além de prepará-los para a carreira profissional, facilitaram o aproveitamento acadêmico nas disciplinas práticas de Rádio e TV, presentes na matriz

curricular do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UFC. Diante dos ensinamentos oferecidos pelo projeto e por estes já preliminarmente apresentados, neste estudo, acredita-se ser este o papel social da extensão universitária, um dos pilares que compõem as atividades na universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Constituindo-se no espaço multiverso, que incluiu uma variedade de ações em prol do desenvolvimento da ciência aplicada à formação educacional. A extensão, como função acadêmica da universidade, implica a sua inserção na formação do estudante e do professor na composição de um projeto político-pedagógico que envolva a universidade e a sociedade.

REFERÊNCIAS

FILHO, Clóvis. A construção social da voz. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3253Revista.pdf>>. Acessado em 09 de maio de 2012, às 20h05.

FREIRE, PAULO. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

HENRIQUES, Márcio Simeone (org.). Comunicação e estratégia de mobilização social. Belo Horizonte: Gênese, 2002.

KLIPPERT, Werner. Elementos da peça radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo. Teorias do Rádio. Florianópolis: Insular. 2005.

KYRILOS, Leny R.; COTES, Cláudia. A Voz no Telejornalismo. Disponível em <http://www.sbfa.org.br/portal/voz_profissional/telejornalismo.pdf>. Acessado em 31 de maio de 2012, às 21h37.

MELO, Jaciara. Telejornalismo no Brasil. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (Bocc), 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>> Acesso em 10 de maio de 2012, às 22h04.

ORLANDI, ENI. Análise de Discurso; princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes. 2001

SCHUCH, Hélio Ademar. Adequação do ensino na formação de jornalistas. In: Fórum de Professores de Jornalismo. UFRGS, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/443.pdf> Acesso em 10 de maio, às 21h00.

SILVA F. P., CASTRO L.F.B. Conhecimento que os alunos de Jornalismo da UFMA possuem sobre voz profissional e saúde vocal. Monografia (Curso de Fonoaudiologia), Faculdade Santa Terezinha, São Luís, 2003. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2009/resumos/R15-0118-1.pdf>>. Acesso em 08 de abril, às 20h10.

SMOLKA, Ana Luiza B. Construção de conhecimento e produção de sentido: significação e processos dialógicos. 1993. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a12v2171.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2012, às 18h00.

TORO, Bernardo José; WERNECK, Nísia Maria Duarte. Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação. Belo Horizonte: Autêntica. 1997.

WEIL, Pierre, Tompakow, Roland. O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. Rio de Janeiro: Vozes. 2000.

Artigo recebido em:
04/02/2013

Aceito para publicação em:
02/09/2013